



# TERRA de CORTIÇA

Sala de Exposições da Biblioteca Municipal de Grândola

20 OUTUBRO » 10 NOVEMBRO . 2007

O MONTADO DE SOBRO E A INDUSTRIA CORTICEIRA EM GRÂNDOLA

  
ORGANIZAÇÃO

## O SOBREIRO

O SOBREIRO É UMA ANGIOSPÉRMICA, TAMBÉM DENOMINADA FOLHOSA, PERTENCENTE À FAMÍLIA DAS FAGÁCEAS, AO GÉNERO QUERCUS E À ESPÉCIE QUERCUS SUBER.



Sobreiro Classificado como Árvore de Interesse Público (1989) – Herdade das Ferrarias



Sobreira das Antas - Herdade das Antas - provavelmente uma das mais antigas do concelho



Ramo com folhas e landes

É uma árvore de porte médio, com uma copa ampla e uma altura média de 15 a 25 metros.

O seu tronco tem uma casca espessa e suberosa, vulgarmente designada por cortiça. Esta, enquanto matéria-prima, apresenta as seguintes características: Leve; Resistente ao desgaste; Fraca permeabilidade; Elástica mas de dimensão estável; Isoladora térmica; Isoladora acústica; Antivibrátil e muito resistente ao atrito.

As folhas são persistentes, de forma oval, de cor verde-escura, brilhantes nas faces superiores e acinzentadas nas inferiores, com margem inteira ou ligeiramente serrada ou dentada e indumento.

O fruto do sobreiro designa-se por lande, tem uma forma oval-oblonga e um pedúnculo curto.

Um conjunto de sobreiros tem o nome de montado.



Montado

## DISTRIBUIÇÃO

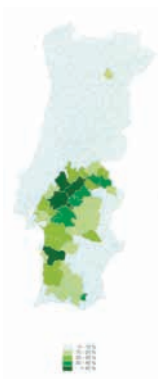
A biogeografia do sobreiro corresponde, *grasso modo*, à sub-região Mediterrânica Ocidental: territórios sub-litorais a Oeste da Calábria e da cidade de Trípoli (no Líbano) e nas costas europeia e norte africana.



Distribuição mundial do sobreiro

Actualmente, a área de distribuição geográfica do sobreiro está circunscrita à região Mediterrânica Ocidental, ocorrendo de forma espontânea em grande parte de Portugal e Espanha, mas também no Norte de Marrocos, Argélia e Tunísia, numa pequena faixa do Sul de França e da costa ocidental de Itália, e na Sicília, Córsega e Sardenha.

**PORTUGAL É O PAÍS DO MUNDO QUE POSSUI A MAIOR ÁREA TERRITORIAL OCUPADA PELO SOBREIRO.**



Distribuição do sobreiro em Portugal

*“Em Portugal o sobreiro é de todas as nossas árvores aquela que se encontra mais largamente distribuída. Encontramo-la no Norte, no solar do castanheiro, do roble e do carvalho-negral; junto ao Litoral, do Tejo ao Minho, luta sem proveito nem glória com o pinheiro bravo; associa-se ao carvalho-português na Estremadura, à azinheira e ao pinheiro manso no Alentejo e vegeta a par da alfarrobeira nas quentes serras algarvias”.*

*J. Vieira Natividade (1950)*

## O SOBREIRO NO CONCELHO

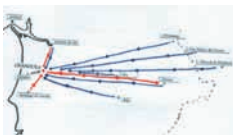
O montado ocupa uma parte significativa do concelho de Grândola, atingindo a densidade de sobreiros, em alguns locais, mais de 120 árvores por hectare.

Embora a extracção de cortiça e o abate de sobreiros no espaço grandolense seja comum desde a Idade Média, o montado só aumentou em dimensão a partir do século XVI, nomeadamente no século XIX.

Até cerca de 1850, o montado foi, essencialmente, relevante para a engorda de porcos, que advinham de vários pontos do Alentejo e, inclusive, da Estremadura espanhola.



Engorda de porcos no montado



Entradas de porcos no concelho de Grândola (1693/1695)

Em 1766 foi acordado em Câmara que:

*“toda a peSsoa que uierem de fora a emgordar Porcos nos Montados do Termo desta villa paguem por cada cabeça para o concelho vinte reis, e o Escrivão lhe não passe Licença Sem lhe apresentar Recibo do Thezoureiro do concelho”*

*A. M. G., Livro de Provimientos do Corregedor (1722-1832)*



## DA HISTÓRIA

Na Idade Média era comum a exploração de madeira de sobre e de cortiça nesta região, atestada por vários documentos.

A construção naval da época dos Descobrimentos utilizou a madeira de sobre para o cavename das naus, devido à sua dureza e resistência à humidade.

Na sequência das Cortes de Évora de 1490, D. João II tornou livre a extração de cortiça, com excepção da dos sobreiros existentes nos coutos.

No foral Manuelino de Alcácer do Sal, de 1516, há também referências ao transporte e exportação destes produtos.

Devido ao excessivo abate de sobreiros, para a construção de naus e produção de carvão, foram tomadas medidas restritivas, designadamente, no tempo de D. João III e de D. Sebastião



Aguarela de Roque Gameiro ( Ribeira das Naus)



Forno de Carvão Tradicional

Em 1765, foi acordado entre a Câmara de Grândola e o Corregedor que:

*“Se pertendia evitar o inReparaueL damno que ã na facilidade Com que se cortão os Montados; E elle Menystro ouve por bem de Comfirmar E mandar por Em Sua total observãncia com pena dois mil Reis por cada huma Azenheyra Sobreyro e Carvalheyro que Cortasem pello pee para fazerem uso dellas para Carvão.*

*E quando Seja percizo aos Lauradores ou a outra qualquer pessoa o Cortarem alguma das dittas Arvores para a Sua Abogaria (sic) não ho poderá fazer Sem Lecença da Camera que aVeriguara Se he ou não justo o Requerimento que Se fizer; o que Se não Emlendera Com os chaparros que poderão Ser desbastados para Melhor criação, E donde os OuVer Em abodancia poderá o dono daquelle Terreno fazer roça para as Suas Sementeyras Com a ReZerva Em porporcionada distanCia para Se criarem Em Montados”*

*A. M. G., Livro de Provimetos do Corregedor (1722-1832)*



Chaparro depois de retirada a cortiça virgem



Sobreiro depois de retirada a cortiça amadia

## O DESCORTIÇAMENTO

O ciclo da cortiça tem início com o descortiçamento, operação efectuada quando as árvores atingem suficiente maturidade e dimensão.

A primeira extracção acontece quando as árvores atingem o mínimo de 70 cm de perímetro, o que ocorre, geralmente, entre os 25 e os 30 anos de idade. A cortiça então retirada toma o nome de Virgem.

As camadas seguintes, extraídas normalmente 9 ou 10 anos depois, tomam o nome de Secundeira na segunda tiragem, e de Amadia nas tiragens subsequentes.

A extracção é geralmente efectuada entre os meses de Junho e Agosto, período em que a cortiça se solta com maior facilidade.

O descortiçamento



## O DESCORTIÇAMENTO

O descortiçamento deve ser evitado em dias de chuva, demasiado frios, ou demasiado quentes e secos, e em árvores sujeitas a poda exagerada.

A operação inicia-se por um corte transversal no tronco, com a ajuda de um machado próprio, seguido de cortes longitudinais, de cima para baixo, no fuste e nas pernadas. As pranchas são depois arrancadas com a ajuda do cabo (do machado).

Esta actividade é, geralmente, realizada por um rancho de trabalhadores, constituído por um capataz, tiradores, um responsável pelo carregamento, um pelo empilhamento, um aguadeiro e uma mulher na função de “coça”, (encarregada do cozimento das refeições).

Depois do descortiçamento, a cortiça é transportada para um local plano, ligeiramente inclinado e perpendicular aos ventos dominantes. Normalmente, é empilhada junto ao monte do proprietário.

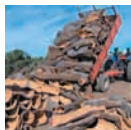
Na formação das pilhas, de onde são excluídas a cortiça virgem, os bocados, e o refugo, as pranchas da camada inferior ficam com as costas viradas para o chão. As restantes posicionam-se ao contrário, para facilitar o escoamento das águas e a diminuição das infiltrações.



Rancho



Carregamento e transporte da cortiça



Descarga



Empilhamento

## A COZEDURA

Uma vez adquirida pelos fabricantes, a cortiça é deixada em repouso durante cerca de seis meses, para estabilização. De seguida é enfardada, para se proceder à sua cozedura.

Durante cerca de uma hora, as pranchas são mergulhadas com a ajuda de um guincho (ou de um elevador), na caldeira, em água a ferver, para que aconteça uma redução da sua microflora e para o acréscimo da sua flexibilidade e elasticidade.

As caldeiras de cozedura tradicional são em cobre, com um sistema de fornalha clássica (grelha sobrelevada, cinzeiro e chaminé), em que a chama incide directamente na tina da água. O aquecimento é efectuado com a utilização de lenha.

Após a retirada da caldeira, os fardos são empilhados, em local coberto e arejado, permanecendo em repouso durante cerca de duas a quatro semanas, para a diminuição da humidade e o aumento da estabilidade da cortiça.



Enfardamento



Fardo pronto a entrar na caldeira



Fornalha



Cozedura da cortiça



## A ESCOLHA E O TRAÇAMENTO

Logo que estabilizadas, as pranchas cozidas são escolhidas e separadas, tendo em conta a sua qualidade e espessura.

Posteriormente, com a ajuda de uma faca de gume curvo, é realizado o traçamento, que consiste na remoção dos bordos e fragmentação das pranchas, caso estas apresentem diferentes classes de qualidade ou calibre.

O processo de preparação das pranchas é finalizado com o enfardamento. Este é efectuado com a ajuda de uma grade metálica articulável ("gaiola"); com a prensagem, manual ou mecânica; e com a aplicação de cintas metálicas ou plásticas.



Traçamento



Enfardamento



Prensagem



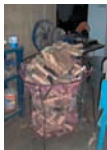
Fardos



## A FABRICAÇÃO DE ROLHAS



Rabaneação mecânica



Rabanadas

PELA SUA UNIVERSAL IMPORTÂNCIA, DE ENTRE OS MÚLTIPLOS PRODUTOS FEITOS EM CORTIÇA, OU DERIVADOS DESTA, AS ROLHAS OCUPAM UM LUGAR ESPECIAL.



O processo de fabricação de rolhas, de início manual, tornou-se depois mecânico, nomeadamente com o aparecimento das garlopas e das brocas.

Ambos os processos são antecedidos pela rabaneação, que é a operação, manual ou mecânica, de corte das pranchas em tiras - rabanadas - a partir das quais se confeccionam as rolhas.

Numa primeira fase, as rabanadas eram divididas em quadros - quadração - que eram perfurados um a um pelas garlopas. Estas, embora accionadas pela energia eléctrica, implicavam um impulso braçal na aproximação da broca aos quadros, para a fabricação das rolhas.

Posteriormente, as rolhas passaram também a ser fabricadas através da utilização de brocas a pedal, semiautomáticas e automáticas - brocagem - consistindo este processo na perfuração das rabanadas, no sentido perpendicular ao seu comprimento.



Bancada de quadrador e garlopa



Fabrico de rolhas na garlopa



Broca semiautomática



Broca em funcionamento c/ operador



Escolha de rolhas



Lixadeira



## A FABRICAÇÃO DE ROLHAS

Após a fabricação, as rolhas passam por um processo de escolha, com vista a retirar as defeituosas e a separar as restantes, por classes de qualidade.

Uma vez escolhidas, as rolhas são depois introduzidas em máquinas, as lixadeiras, que têm por função rectificar os topos, com a utilização de elementos abrasivos.



Lavagem das rolhas

Para finalizar o processo, as rolhas são lavadas em tanques, numa mistura de água e produtos de branqueamento e/ou coloração, e depois secas ao ar livre ou em estufas próprias.



## UM MUNDO DE PRODUTOS

São inúmeros os produtos e as aplicações resultantes da importante matéria-prima designada por cortiça, designadamente:

- Rolhas para bebidas e líquidos diversos;
- Discos para tampas de bebidas e medicamentos;
- Batoques e tapadeiras;
- Artigos de artesanato e peças decorativas;
- Bases para utensílios de cozinha;
- Papel de cortiça, malas, sacos, carteiras e vestuário;
- Utensílios domésticos;
- Artigos de escritório;
- Flutuadores, e punhos para canas de pesca;
- Brinquedos; palmilhas e rastros de calçado;
- Artigos de adorno e ornamentação;
- Isolantes térmicos, acústicos e vibráticos (paredes, tectos e pavimentos);
- Tectos falsos;
- Revestimento de paredes, pisos e tectos;
- Roda-pés;
- Linóleos;
- Granulados para enchimento de espaços e misturas para argamassas;
- Juntas isolantes e de dilatação ou compressão;
- Antivibráticos para maquinaria;
- Isolamentos para frio industrial;
- Juntas para motores de explosão;
- Pisos industriais e de transportes públicos;
- Queima para a produção de energia (pó);
- Bases para volantes de badmington;
- Bolas (hóquei, golfe; críquete; basebol);
- Revestimento de raquetes de ténis de mesa;
- Apitos, alvos para setas;
- Recolha de petróleo derramado;
- Limpeza de isoladores térmicos;
- Aeronáutica espacial e militar;
- Explosivos;
- Pot-pourri;
- Enchimento de almofadas;
- Etc.,



## AS PRIMEIRAS FÁBRICAS DE CORTIÇA

Embora a exportação de cortiça em Portugal remonte à Idade Média, só no século XVIII surgiu a indústria ligada à fabricação de rolhas.

No último quartel deste século, esta actividade tornou-se importante em Melides, que à época, pertencia ao concelho de Santiago de Cacém.

Num texto de uma Audiência Geral do ano 1795, refere-se que:

*[...]” Por constar que os Rolheiros desta villa Custumão queimar a Cortiça para fazer Rolhas muitas uezes nas Ruas publicas e outras uezes nas estradas que saiem desta uilla de que Rezulta grande incomodo as pessoas que se derigem per ellas ou seia para uiagem ou Seja para paSseio de maneira que algumas dellas se achão na maior emdeSença determinarão fazer a postura Seguinte =*

*[...] que nenhum oficial de Rolheiro desta uilla e seu termo poderá usar do seu officio sem Carta de examinação e licença da Câmara na forma que se pratica nos mais officios e que aquelles officiais rolheiros que já tem os seus lugares aSignados como acontece na ALdeia de Melides ou lhes forem aSignadas pella Câmara para queimarem as Cortiças não so os não alterem mas não se inturmetão [...] a mudarem para outra parte sem licença da Câmara debacho da pena de des tostoens Referida na pustura aSima que dis Respeito aos Rolheiros que queimão cortiça nas estradas ou junto a ellas”.*

A. M. S. C., Livro de Audiências Gerais de 1782 a 1801, fl 39v.



Melides

Não consta que, até à década de 70 do século XIX, tivessem existido, em Grândola, fábricas de cortiça. Desta forma, a totalidade da produção do concelho era vendida a compradores de fora, sobretudo de S. Brás de Alportel, Tavira, Loulé e Sines.

Mercê de um gradual interesse pelo negócio da cortiça no concelho, surgiu em 1871, a primeira sociedade de compra, venda e feitura de rolhas, a Nunes & Companhia, criada pelo Dr. José Jacinto Nunes, Manuel Espada, Jacinto Maria Durães e João Lagrifa.



Dr. José Jacinto Nunes

## OS CATALÃES EM GRÂNDOLA

Por volta de 1897, chegou a Grândola Ramon Granés, natural de Begur (Catalunha) região espanhola onde, durante a segunda metade do século XIX, a indústria rolheira atingiu um relevante desenvolvimento. A vinda de Ramon Granés foi importante para o sector, uma vez que trouxe consigo além de equipamentos mais avançados, alguns operários rolheiros catalães.

Ramon criou em Grândola a firma de produtos corticeiros **Granés & Companhia**, e foi sócio gerente da filial, em Grândola, da firma **Puig, Fina & Ribera**, fundada em 1899, com sede em La Bispal, Rosendo de Pamploña, e dedicada à compra, venda e fabricação de rolhas e quadros.



Ramon António Domingo  
Granés Pi  
(1852-1913)

Em 1900, Ramon Granés aforou, a título perpétuo, o cerrado de S. Sebastião, onde edificou a sua fábrica de cortiça, e residiu a comunidade catalã de corticeiros.

Em 1903, José Maria Fina y Bonet adquiriu as firmas de que Ramon era sócio, na sua totalidade.

Após a construção da via férrea do Vale do Sado e a chegada do comboio, em 1916, a indústria corticeira grandolense ganhou um novo alento, com o surgimento de novas fábricas, muitas delas nas imediações da estação do caminho-de-ferro.

Inauguração da estação de  
caminho-de-ferro de Grândola

## O PERÍODO ÁUREO

O século XX foi a época de maior desenvolvimento da indústria corticeira no concelho de Grândola, nomeadamente no período que decorreu entre as décadas de 30 e 60.

Nesta fase, estiveram em actividade cerca de 39 fábricas possuidoras de caldeiras de cozedura de cortiça, para além de mais algumas dezenas de pequenos fabricos.

Para este surto de desenvolvimento contribuíram o aumento de produção de cortiça no concelho, a procura de produtos derivados, a melhoria das vias de comunicação e a existência de mão-de-obra disponível.

A maior parte das fábricas localizava-se no perímetro da vila Grândola, com maior densidade nas proximidades da estação ferroviária.



Família Barreiras - 1º esq. Francisco de Sousa, e 3º esq. Boaventura de Sousa, proprietários da fábrica de cortiça, Boaventura de Sousa.

Fábrica Manuel Bernardino (Avenida Jorge Nunes) – 1950



## A FÁBRICA GRANADEIRO



Inocêncio Granadeiro

De entre as fábricas de cortiça que laboraram no concelho, merece especial destaque a Fábrica I. Granadeiro, seguramente uma das mais importantes.

Depois de uma pequena fábrica na avenida Jorge Nunes, na década de 30, e de uma sociedade com Manuel Bernardino, Inocêncio Granadeiro criou, na Quinta Velha, a partir de 1942, a maior fábrica de cortiça que laborou em Grândola.

Atingindo o seu apogeu na década de 60, altura em que chegou a dispor de cerca de 200 trabalhadores efectivos, a fábrica entrou depois em declínio, acabando por encerrar em 5 de Agosto de 1981.



Escritório da fábrica Granadeiro



Fábrica Granadeiro

Apetrechada com a maquinaria necessária para o tratamento de cortiça e a fabricação de rolhas (e palmilhas) chegou a dispor de:

### MÁQUINAS EXISTENTES NA FÁBRICA GRANADEIRO

Máquinas	Quantidade	Funções
Máquina de rabanear	4	Corte das pranchas às tiras "rabanadas", para o fabrico de rolhas.
Broca manual	15	
Broca semiautomática	2	Perfuração das rabanadas, da qual resulta rolhas cilíndricas.
Garlopas	8	Perfuração dos quadros, da qual resulta a rolhas cilíndricas.
Escolhedora	1	Escolha das rolhas.
Lixadeiras	6	Rectificação dos topos das rolhas, com a utilização de elementos abrasivos.
Rebaixadeiras	8	Moldagem do formato da rolha, adequando-a a funções específicas.
Falangeiras	4	Fabrico de rolhas de falange, ou de "chapéu" (rolha encimada por um cilindro de maior tamanho).
Traçadeiras	2	Corte das rolhas (dividir uma rolha em duas).
Tapadeiras	2	Confecção de discos de cortiça.
Máquina de espaldar	6	Corte da costa da prancha de cortiça.
Prensa hidráulica	2	Prensagem dos fardos de cortiça.
Máquina de lavar rolhas	1	Lavagem de rolhas.
Centrifugadora	1	Secagem das rolhas.
Máquina de fazer palmilhas	1	Recorte de placas para a fabricação de palmilhas.





Trabalhadores da Fábrica I. Granadeiro - Década de 50

## OS CORTICEIROS

No concelho de Grândola, os primeiros trabalhadores com o estatuto de corticeiros foram os rolheiros de Melides, ainda no século XVIII.

Com o crescente surgimento de fábricas em Grândola, o número de operários aumentou, sendo muitos deles oriundos de outras terras, nomeadamente, de Sines, Ílhavo, São Braz de Alportel, Évora, Silves, São Teotónio, Cercal, Aljustrel, Vendas Novas, Almembro e Pallafrugell.

Pelo seu número e activismo, os corticeiros contribuíram, decisivamente, para a dinamização do Comércio e das Sociedades Recreativas, Desportivas e Culturais do Concelho de Grândola.

Em termos políticos, os corticeiros distinguiram-se pela sua capacidade reivindicativa, tendo levado a efeito um elevado número de greves, e sido objecto de múltiplas prisões e perseguições.



Sede do Sport Clube Grandolense



## O MONTADO NA ACTUALIDADE

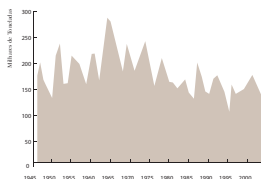
PORTUGAL É O MAIOR PRODUTOR, TRANSFORMADOR E EXPORTADOR DE CORTIÇA, DO MUNDO.

Por ser um produto de extrema relevância na economia portuguesa, é urgente encontrar soluções adequadas, afim de reverter o actual quadro progressivo de declínio do montado.

Por este motivo, é necessário o envolvimento, sério e empenhado, de todas as entidades e pessoas ligadas a este sector.

Em 1950, já Vieira da Natividade fazia séria advertência para esta situação:

*“Possuímos ainda belos e valiosos montados, riqueza imensa pela área que ocupam (...) pelo valor dos produtos que fornecem (...). Mas, ao contrário do que os optimistas possam crer (...), o actual panorama da subcultura portuguesa está longe de ser tranquilizador. (...) Chegou o momento de se abandonar a ilusão de que possuímos uma riqueza que espontaneamente se regenera, cresce e multiplica (...).”*



*Evolução da Produção anual de cortiça*

AS CAUSAS DO DECLÍNIO DO MONTADO SÃO VÁRIAS E COMPLEXAS, SENDO AS PRINCIPAIS:

- Problemas ambientais – poluição e secas;
- Pragas e doenças;
- Deficiência nas práticas culturais – limpeza incorrecta das árvores, desmatação com máquinas pesadas, pastoreio intensivo;
- Incêndios;
- Ausência de renovação sistemática de povoamentos;
- Falta de pessoas qualificadas nesta área;
- Custos elevados na extracção e tratamento.



#### ABATE DE ÁRVORES SECAS em Portugal

(com pedido autorizado)

- 2000 – 171.809

- 2001 – 68.500

- 2002 – 133.715

- 2003 – 140.210

-2004 – 230.376

- 2005 – 250.680

TOTAL = 995.610

A QUANTIDADE E QUALIDADE DA CORTIÇA ESTÁ EM DECRÉSCIMO HÁ VÁRIOS ANOS, SENDO NECESSÁRIO ADOPTAR MEDIDAS QUE PERMITAM DIMINUIR A MORTALIDADE DOS SOBREIROS E MELHORAR A SUA PRODUÇÃO.

#### ENTRE OUTRAS, PODEM ADOPTAR-SE AS SEGUINTE MEDIDAS:

- Corte e rápida remoção dos sobreiros mortos;
- Podas sanitárias de formação/manutenção e eliminação rápida dos despojos;
- Desinfecção das ferramentas utilizadas na poda de árvores doentes e no abate de árvores mortas;
- Evitar o descortiçamento em anos de seca ou proliferação de doenças;
- A desmatção deve efectuar-se com processos de corte superficial;
- Privilegiar o pastoreio controlado – para proteger a regeneração natural e evitar a compactação do solo pelo pisoteio;
- Pastagens correctamente estabelecidas e geridas, afim de melhorar a qualidade e reduzir a mobilização do solo;
- Promover os povoamentos naturais e artificiais;
- Selecção das árvores e melhoria genética;
- Implementação de medidas para redução da poluição;
- Fertilização de solos;
- Formação profissional e académica de técnicos nesta área;
- Pesquisa e trabalho de campo de forma continuada.

















